

# HISTÓRIA DA CAPOEIRA EM OEIRAS-PI: ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA NO GRUPO RAÍZES DO BRASIL (1980-2024)

**Discente: Moisés Élyson de Lima Ribeiro<sup>1</sup>**

**Orientador: Leandro Nascimento de Souza<sup>2</sup>**

## **RESUMO:**

Este artigo, fundamentado na história oral, busca compreender principalmente a problemática da identidade afro-brasileira no contexto do Grupo de Capoeira Raízes do Brasil, em Oeiras-PI. O objetivo é analisar a percepção da ligação entre a identidade afro-brasileira e os capoeiristas, com base nas referências teóricas de Stuart Hall (1992) contribuindo assim para construção desta pesquisa. A capoeira, como expressão cultural afro-brasileira, se posiciona como uma forma de resistência ao sistema racista. Em Oeiras-PI, o Grupo Raízes do Brasil simboliza essa luta histórica. Para compreender essa dinâmica, recorreremos aos autores Celso Brito e Daniel Granada, que exploram a história da capoeira como uma resposta à opressão dos senhores de escravizados no Brasil. O referencial metodológico baseia-se no *Manual de História Oral* de Albert Verena. Foram realizadas entrevistas com membros do Grupo Raízes do Brasil para investigar como a identidade é construída e expressa no contexto da capoeira. Os resultados revelam que a identidade dos capoeiristas é profundamente marcada pela afro-brasilidade, reafirmando a ligação estreita entre a capoeira e a identidade cultural afro-brasileira.

**Palavras-chave:** Capoeira; Identidade Afro-Brasileira; Oeiras-PI; Resistência Cultural; História oral.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Professor Possidônio de Queiroz. E-mail: [moisesribeiro@aluno.uespi.br](mailto:moisesribeiro@aluno.uespi.br)

<sup>2</sup> Doutor em história pela Universidade Federal Fluminense e docente do curso de história e do PPGH da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail de contato: [leandro.souza@unicap.br](mailto:leandro.souza@unicap.br)

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar se há, no grupo Raízes do Brasil, em Oeiras-PI, uma construção de identidade dos capoeiristas que reconheça seu pertencimento à identidade afro-brasileira. Esse questionamento é central para o desenvolvimento do estudo, pois a identidade reflete a experiência humana e influencia diretamente a percepção de cada indivíduo, especialmente dentro do recorte temporal analisado, de 1980 a 2024.

A identidade e a memória são conceitos fundamentais explorados ao longo deste trabalho, desempenhando um papel essencial na estruturação do artigo. Para dialogar com esses conceitos, utilizamos referências bibliográficas que auxiliam na compreensão teórica e contextual do tema. A metodologia adotada foi a história oral, que ofereceu base para o desenvolvimento desta pesquisa, permitindo uma análise aprofundada da problemática apresentada.

Inicialmente, realizamos três entrevistas com membros do grupo Raízes do Brasil: o professor Magro de Aço<sup>3</sup>, Bolacha<sup>4</sup>, Yorrany Fernanda<sup>5</sup> e um ex-membro do grupo Palmares, o ex-aluno Pássaro Preto. Esses interlocutores foram de suma importância para a construção deste artigo, fornecendo perspectivas sobre questões sociais, econômicas e religiosas relacionadas à capoeira. Suas contribuições permitiram compreender como a prática era vista no século XIX e como é percebida no século XXI.

A ideia deste artigo surgiu a partir de minha afinidade pessoal com a temática, uma vez que meu pai, Cláudio Ribeiro dos Santos, foi também capoeirista no final da década de 1980 e no início dos anos 1990 e sempre cantava as cantigas da roda de capoeira e as dançava para nós em casa. Além disso, a relação entre orientador e orientando foi outro fator de grande relevância, considerando que o Prof. Leandro Nascimento de Souza, orientador desta pesquisa, também é praticante de capoeira,

---

<sup>3</sup> Magro de Aço é o Gilmar Mendes – os capoeiristas recebem nomes quando passam por um ritual conhecido entre eles como batizado ele é o atual coordenador e instrutor do grupo Raízes do Brasil, Oeiras e região.

<sup>4</sup> Antônio Luís Babosa da Costa, conhecido na capoeira como (Professor Bolacha), tem 36 anos, grupo Raízes do Brasil, ministra aulas no bairro Várzea de Oeiras – as vezes no espaço solar das 12 janelas localizada no Instituto Histórico de Oeiras com frente a praça da vitória

<sup>5</sup> Yorrany – aluna do grupo raízes do Brasil

oferecendo respaldo teórico e prático fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Para embasar o trabalho, utilizamos referenciais teóricos e metodológicos que dialogam diretamente com a temática, enriquecendo a análise. Entre eles, Stuart Hall (1987), com suas reflexões sobre identidade cultural na pós-modernidade, abordando o jogo social e a memória na construção da identidade; Candau, Joel (2019), em "Memória e Identidade", que enfatiza a importância da memória na construção da identidade, especialmente em contextos culturais e históricos; e Verena Alberti (2005), cujo manual metodológico sobre história oral foi fundamental para a condução das entrevistas que estruturam esta pesquisa.

Este artigo está dividido em três tópicos principais. No primeiro, será abordada, de forma breve, a história da capoeira no Brasil, destacando seu desenvolvimento e as razões pelas quais existem poucos registros documentais sobre a prática do jogo em si. Discutiremos também as transformações que a capoeira sofreu, tendo que se adaptar continuamente aos contextos históricos em que esteve inserida. No segundo tópico, analisaremos o desenvolvimento da capoeira no município de Oeiras-PI, destacando as limitações impostas pela sociedade e pelos governantes locais. Entre essas limitações, apontaremos a falta de apoio governamental, o preconceito racial e as construções pejorativas de cunho religioso que ocorreram na prática do jogo em questão.

Por fim, no terceiro tópico, investigaremos a identidade afro-brasileira dentro do grupo Raízes do Brasil. Será respondido de maneira sucinta se os capoeiristas se reconhecem como pertencentes a essa identidade, e as entrevistas realizadas serão utilizadas como base para a conclusão da pesquisa em questão, pois, como já foi mencionado, são poucos os acervos sobre essa temática, mesmo tendo tanta relevância para os oeirenses.

## **1. A CAPOEIRA NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO**

Para compreender a ligação entre a identidade afro-brasileira e os praticantes de capoeira, é necessário entender o contexto em que este jogo surgiu no Brasil e as características da sociedade em que a prática foi desenvolvida. A capoeira foi construída pelos negros escravizados trazidos da África para o Brasil em navios negreiros, como parte da diáspora africana forçada.

De acordo com Fontoura e Guimarães (2002, p. 95-108), a história da capoeira está intimamente ligada à história dos negros no Brasil. Quando os europeus invadiram o território brasileiro, precisaram de mão de obra barata para construir suas estruturas e explorar as riquezas naturais. Inicialmente, os indígenas foram explorados e submetidos a trabalhos forçados. No entanto, os jesuítas defenderam que os indígenas poderiam ser “civilizados” e convertidos ao cristianismo. Essa perspectiva, entretanto, não se aplicava aos escravizados de origem africana, pois, segundo a visão europeia, esses indivíduos não eram considerados humanos.

Como afirmam Arnt e Banalume Neto (1995, p. 36), “os escravos eram vendidos por chefes de tribos inimigas ou, como em Angola, os próprios portugueses invadiam o interior, sequestrando o que chamavam de ‘peças da Índia’”. Os povos africanos foram brutalmente desumanizados nesse contexto. Para os agentes mercantis, eles eram apenas mercadorias lucrativas; para os senhores de engenho, eram produtos essenciais à manutenção das atividades domésticas e agrícolas.

O Império Colonial Português consolidou-se economicamente graças ao trabalho dos escravizados. Para evitar revoltas, os negros eram separados com base na sua língua e etnia, o que dificultava a comunicação e a organização. No entanto, essa barreira linguística não impediu que os escravizados desenvolvessem formas de resistência, como a organização de quilombos e a criação de práticas culturais de preservação e defesa, entre elas, a capoeira. A capoeira nasceu como uma forma de luta ligada à expressividade cultural afro-brasileira, sendo tanto uma estratégia de defesa quanto um símbolo de resistência. Apesar de não haver consenso entre os pesquisadores sobre sua origem exata, Mello (1996, p. 29) aponta que a destruição de documentos históricos de Ruy Barbosa, em um esforço para apagar vestígios da escravidão, dificultou a descoberta da história da capoeira.

A prática da capoeira foi moldada pela necessidade de autodefesa contra a opressão dos senhores de engenho, que utilizavam castigos físicos e psicológicos para manter o controle. Transformando seus corpos em armas, os negros realizaram uma luta disfarçada de dança, incorporando elementos culturais africanos, como a musicalidade e as cantigas, que conferiram um caráter multicultural ao jogo. Para os senhores de engenho, a capoeira parecia apenas uma manifestação lúdica, o que manteve sua continuidade em meio às adversidades.

O primeiro registro histórico sobre a capoeira data de 1789, quando “um mulato chamado Adão foi acusado de ser capoeirista” (GRANADA, 2020, p. 8-18). Contudo, a prática foi marginalizada e, durante muito tempo, criminalizada. Expressões culturais negras, incluindo a capoeira, enfrentaram preconceitos e políticas de exclusão no pós-abolição. Granada (2020) propõe que a história da capoeira no Brasil pode ser dividida em três momentos: o primeiro, que vai do tráfico de escravizados até a abolição, em 1888; o segundo, iniciado na era Vargas, em 1930; e o terceiro, marcado pela redemocratização, a partir dos anos 1970.

O Brasil foi o país que mais recebeu africanos escravizados, com cerca de seis milhões de pessoas trazidas de regiões como Gâmbia, Senegal e Congo. Embora os escravizados tenham sido separados para dificultar a articulação, isso não impediu a formação de quilombos, zonas livres de escravidão, sendo o Quilombo dos Palmares o mais conhecido. Segundo Granada (2020, p. 8-18), Zumbi dos Palmares tornou-se um símbolo da resistência negra, frequentemente classificado nas rodas de capoeira, que nasceu nesse contexto de opressão e luta. Dessa forma, a capoeira não apenas simboliza resistência, mas também representa a construção da identidade afro-brasileira, conectando passado e presente por meio de uma prática que é, simultaneamente, luta, dança e expressão cultural. Soares (2001) conclui que:

A capoeira, mais que um elemento de resistência escrava aos desmandos da ordem escravista, era uma peça importante no jogo de poder entre os próprios escravos, no qual libertos e livres entravam marginalmente. Jogo em que as maltas eram a unidade fundamental. (SOARES, 2001, p. 85).

Essa análise revela-nos que a capoeira ultrapassava o papel de resistência direta contra a escravidão, configurando-se também como um recurso estratégico no jogo de poder entre os capoeiristas, sendo eles libertos ou ainda escravizados. Nesse contexto, a capoeira era uma ferramenta de afirmação pessoal e social, ajudando na preservação não apenas da vida, mas também da identidade cultural dos negros. De acordo com este autor, a identidade grupal dos capoeiristas foi forjada a partir de uma fusão de expressões culturais africanas e brasileiras, criando uma narrativa única dentro da história do país. A capoeira se tornou um símbolo multicultural, combinando luta, cultura e identidade; essa, por sua vez, não é estática. Pelo contrário, está em constante transformação, adaptando-se às mudanças sociais e aos desafios históricos que colocavam a própria existência da capoeira em risco.

A sobrevivência da capoeira foi marcada pela resiliência de sua essência cultural. Para se manter viva, precisou se reinventar, preservando sua conexão com a identidade afro-brasileira e sua ligação com a resistência da negritude brasileira, muitas vezes invisibilizada. Mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, os negros não tiveram sua expressão cultural respeitada. A identidade cultural afro-brasileira continuou sendo marginalizada, e a capoeira, enquanto símbolo dessa identidade, foi alvo de repressão.

Na República Velha, no pós-abolição: “Dois anos após a abolição da escravidão, a capoeira, que era vista como uma contravenção, torna-se um crime previsto no Código Penal da República de 11 de outubro de 1890” (SOARES, 1999, p. 338). Essa criminalização reflete como a sociedade da época tratava a cultura negra, reduzindo-a a uma ameaça à ordem social. As atividades dos capoeiristas eram restritas, sua prática, na Primeira República, criminalizada na tentativa de silenciar os capoeiristas.

No governo de Getúlio Vargas (1937-1946), inicia-se um projeto político voltado para a construção de uma identidade nacional que buscava integrar a população de imigrantes ao imaginário brasileiro. Contudo, um aspecto central dessa identidade foi negligenciado: o papel dos negros na formação cultural do Brasil. Tal omissão deu origem a políticas excludentes e segregacionistas, que foram mal recebidas pela população negra. Em resposta, os negros se organizaram em movimentos como a Frente Negra Brasileira, que chegou a formar um partido político. No entanto, em 1937, esse movimento foi reprimido e dissolvido pela ditadura de Vargas. Tal atitude não estagnou a população negra.

No contexto da Era Vargas, a capoeira também passou por transformações significativas que, conforme aponta Granada (2020, p. 8-18), marcaram a atuação de dois grandes mestres: Bimba (Manoel dos Reis Machado) e Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), dois baianos que deram valiosas contribuições para o renascimento da capoeira, apresentando práticas divergentes das realizadas no século XIX.

O Mestre Bimba, por exemplo, fundou uma academia, estabelecendo critérios nos quais os alunos, para serem admitidos, deveriam estar uniformizados e, no ato da matrícula, era exigido certificado de escolaridade. Tais mudanças foram essenciais para normatizar a capoeira, que passou a assumir um caráter desportivo. Com isso, a

capoeira ampliou seu alcance, incluindo os filhos da elite brasileira, e consolidou o estilo conhecido como "capoeira regional", ou seja, incorporou elementos de outras artes marciais, sendo considerado mais contemporâneo, como aborda Granada (2020, p. 8-18).

Por outro lado, segundo Granada (2020, p. 8-18), o Mestre Pastinha fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, que também introduziu uniformes e organizou novas formas de prática. Ele realizou apresentações públicas, promovendo um processo de pacificação e institucionalização da capoeira. Embora alegasse preservar a tradição, Pastinha sofreu influência dos intelectuais do período, como Jorge Amado e Caribé, que buscavam preservar as manifestações culturais afro-brasileiras. Essa proximidade moldou sua atuação, resultando em mudanças que, de certa forma, rompem com a capoeira tradicional, dando à modalidade mais ludicidade, sempre dando ênfase à ancestralidade, sem deixar de lado a harmonia física e mental.

Granada (2020, p. 8-18) destaca que Bimba e Pastinha foram fundamentais para consolidar as bases da capoeira moderna. Estes baianos transformaram profundamente a imagem da capoeira, expandiram seu público e adaptaram sua prática para atender às exigências culturais e mercadológicas da época. Nesse período, o discurso de tradição e pureza tornou-se estratégico para legitimar a modalidade enquanto manifestação cultural, ocupando um espaço importante no mercado cultural que antes lhe era negado.

A Era Vargas também foi crucial para que a capoeira ascendesse ao status de símbolo nacional. Apesar de sua origem marginalizada e afro-brasileira, a capoeira começou a ocupar novos espaços, representando resistência e luta diante das adversidades. Isso só foi possível graças aos esforços do movimento negro ao longo do século XX, que utilizou a capoeira como ferramenta de valorização da identidade e ancestralidade negra. Assim, a modalidade consolidou-se como um elemento central no desenvolvimento da cultura afro-brasileira e como uma expressão de resistência sociocultural.

Entre as décadas de 1970 e 1980, a capoeira regional já estava amplamente disseminada em território brasileiro e começava a conquistar espaço no cenário internacional. Durante esse período, muitos brasileiros buscaram melhores condições de vida no exterior, levando consigo suas tradições culturais, incluindo a capoeira.

Granada (2020, p. 8-18) aponta que, nesse contexto, a capoeira tornou-se um dos principais elementos culturais exportados pelo Brasil, acompanhando a diáspora de trabalhadores e artistas.

Entretanto, enquanto a capoeira regional ganhava projeção, o estilo Angola perdia visibilidade. Foi apenas nos anos 1980 que o Grupo Capoeira Angola Pelourinho (GCAP) foi fundado no Rio de Janeiro, marcando um movimento de revitalização da capoeira Angola. O GCAP desempenhou um papel fundamental ao trazer novamente à tona as raízes e tradições dessa vertente, fortalecendo sua representatividade no cenário nacional e internacional.

Para o Rio nos anos 1970 e, após ter ensinado a capoeira e formado vários mestres, parte para Salvador em 1982, um ano após o falecimento de Mestre Pastinha. Através de Moraes, o GCAP vai defender o discurso da tradição na capoeira e vai representar a ortodoxia nessa prática. (ASSUNÇÃO, 2005, p. 185).

O Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP) desempenhou um papel fundamental na luta por pautas raciais no Brasil, utilizando a capoeira como ferramenta de resistência cultural e política. Sua atuação destacou-se pela defesa do discurso da tradição, enquanto denunciava o racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Nos anos 1990, o GCAP contribuiu para romper com a ideologia nacionalista pautada no mito da mestiçagem, que negava a existência de desigualdades raciais e invisibilizava as minorias.

Esse período marcou um confronto de ideias que buscava desmistificar a suposta "democracia racial" brasileira, expondo as profundas desigualdades sociais e os impactos do racismo. Ao mesmo tempo, os debates locais e nacionais favoreceram o fortalecimento da identidade negra. A década de 1980 e o início da década de 1990 representaram um rompimento significativo com a ideia de um Estado-nação homogêneo, permitindo o reconhecimento constitucional das minorias e legitimando suas reivindicações por direitos e por espaço na sociedade.

A pesquisa evidencia que a capoeira, em sua forma atual, é resultado de diversas transformações históricas, refletindo as adversidades enfrentadas em cada período. A capacidade de adaptação da capoeira às circunstâncias impostas revela sua resiliência e importância como espelho das mudanças sociais no Brasil. Segundo Granada, a capoeira está profundamente ligada à luta dos negros para preservar sua



culturalidade e afirmar sua identidade histórica e social, desempenhando um papel crucial na construção da negritude no Brasil.

Hoje, a capoeira é reconhecida como patrimônio cultural brasileiro (FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS, 2019), destacando-se como uma manifestação cultural que não apenas preserva as raízes afro-brasileiras, mas também continua a ser um instrumento de resistência, reafirmação identitária e luta contra o racismo.

## 2. A HISTÓRIA DA CAPOEIRA EM OEIRAS

A colonização do território que hoje corresponde à cidade de Oeiras iniciou-se com a chegada de Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense. Tudo começou com a exploração realizada por Domingos Afonso Mafrense, que trouxe escravizados para trabalhar na pecuária. Dessa exploração, surgiram a Fazenda Cabrobó (1696) e, posteriormente, a Freguesia de Nossa Senhora da Vitória (1697), criada pelo Bispado de Pernambuco.

A Fazenda Cabrobó transformou-se em povoado e, em 1712, tornou-se vila. Sua criação foi justificada pelo desejo do imperador português D. João V de estabelecer uma rede de vilas para expandir o domínio português na colônia brasileira (ARRAES, 2016). Assim, a vila foi criada com objetivos de dominação. O Piauí conquistou independência da Capitania do Maranhão. Oeiras tornou-se cidade em 1717 e capital em 1761.



Mapa da cidade de Oeiras no Piauí. <https://www.flickr.com/photos/egbertoaraujo/15934962240>

A capoeira é uma arte marcial cultural concebida e apregoada como uma forma de resistir à opressão dos portugueses para com os negros escravizados. Foi um meio

de lutar contra o jugo da opressão da coroa portuguesa e resistir para preservar sua identidade. Já no século XX, percebemos que a capoeira em Oeiras teve anseios diferentes, mas com características semelhantes, que se dão no sentido de lutar para que a capoeira tenha seu espaço, contra o preconceito religioso na cidade para com os capoeiristas, e o segundo fator, que é o de resistir contra o preconceito cultural em relação à identidade dos capoeiristas em Oeiras, que tem sua identidade conectada com a cultura afro-brasileira, sendo esse o motivo da não aceitação. O professor Bolacha, em entrevista, vai trazer algumas dessas situações:

“Não há uma valorização da capoeira, pelo governo da cidade e nem investimento para que a capoeira possa crescer em Oeiras, mas não deixaremos essa luta, porque Moisés a capoeira não pode morrer lutaremos sempre”. (BOLACHA,2024)

Como podemos observar, na cidade de Oeiras, existe falta de apoio das redes governamentais, o que atrapalhou o avanço e não contribui para o crescimento da capoeira na cidade, que ainda não tem uma estrutura própria para a sua prática. Porém, isso não impediu os capoeiristas de realizarem o seu trabalho e também de irem além dele, pois a ação da capoeira em Oeiras tem grande importância, já que salva pessoas em situação de vulnerabilidade social, fragilização de vínculos afetivos e a falta de uma identidade social. O professor Bolacha e o Magro de Aço auxiliam nesse trabalho e ensino através da capoeira e sobre a sua identidade enquanto capoeiristas, ligadas à construção de uma identidade afro-brasileira, que visa combater problemas sociais, dando clareza para definir as suas identidades e combater o preconceito ainda existente.

A história da capoeira na cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí, se inicia no ano de 1980 onde o professor Sargento<sup>6</sup>, juntamente com mais três amigos — Sargento Costa, Sargento Viana e Sargento Araújo —, os quatro sendo militares, se interessaram pela capoeira após uma apresentação de um mestre com seu grupo, que passou pela cidade. A curiosidade sobre o jogo de capoeira intrigou o professor Sargento, que, em uma entrevista com Sousa, relatou que:

---

<sup>6</sup> Augusto Kennedy Soares Sousa, conhecido no mundo da capoeira (professor Sargento), começou a praticar a modalidade na década de 1980, outros três amigos. Iniciou a capoeira; assim criou o grupo Zumbi. Em 1998 teve que sair da capoeira por motivos de saúde, assim deixou o seu aluno Marquito no comando do grupo na cidade.

“Nós começamos a praticar o jogo por causa de uma passagem de um professor e isso ficou muito na nossa mente aquilo que dizia jogo de capoeira, foi a partir daí que nós ficamos com o interesse naquele jogo. Disse o Sargento”. ( SOUSA,2021)

Aqui é importante enfatizar algo sobre esses três amigos, que, na verdade, no período em que iniciaram o jogo da capoeira, não eram militares, e sim adolescentes. Ao ser questionado sobre quando havia iniciado na modalidade o jogo da capoeira, o ex-capoeirista conhecido como Pássaro Preto<sup>7</sup> relata-nos que :

Nem eu ( Pássaro Preto) ,nem meus amigos ( hoje em dia Sub tenente Costa , Tenente Viana e 2º Sargento Araújo),erámos militares quando iniciamos na capoeira,porque na década de 80 éramos apenas adolescentes , eu nasci em 1971 e os meus amigos nasceram em 1972, tínhamos entre 14 a 16 anos. (PÁSSARO PRETO ,2024)

. Logo, subentende-se que os atuais militares eram adolescentes, mas, na época da construção do artigo de Sousa (2021), eles já eram militares. De fato, tendo nascido no início da década de 70 e levando em consideração o ano de início do jogo da capoeira em Oeiras, mencionado no corpo deste artigo, o trio de sargentos não poderia já ter sido militares, por se tratarem apenas de adolescentes na época.

Esclarecido esse ponto, retomamos Sousa (2021), que nos conta detalhes desse encontro e de como o trio de amigos se interessou pelo jogo da capoeira, o qual foi vital para o desenvolvimento da capoeira na cidade. Esse movimento desses adolescentes, que hoje são militares, serviu de base para o surgimento de vários grupos, sendo um deles, em 1984, no qual, devido a vários encontros com esse pequeno grupo de amigos, nasceu o grupo Zumbi<sup>8</sup>, Palmares<sup>9</sup> que, devido ao grande interesse em aprender, decidiram recorrer a meios didáticos para aprender o jogo e compraram um livro ilustrado com técnicas de como jogar a capoeira. Em meio às tribulações, eles não desistiram de aprender a jogar e prosseguiram indo atrás desse desenvolvimento, mesmo que não possuíssem, no momento, um mestre de capoeira qualificado para ensiná-los, nem espaços viáveis para o jogo da capoeira.

---

<sup>7</sup> O capoeirista Pássaro Preto é o adolescente nascido em 10/05/1971 que foi iniciado na capoeira em 1987, conforme o depoimento deste. Ele hoje é 2º Sargento da Polícia Militar do PI, lotado no 14º BPM, 3ª CIA

<sup>8</sup> Grupo Zumbi grupo de capoeira criado em Oeiras nos anos de 1986, fundado por um grupo de amigos adolescentes que na atualidade são militares: Professor Sargento, Sargento Costa, Sargento Viana, Sargento Araújo.

<sup>9</sup> Grupo Palmares – grupo advindo de Picos onde o capoeirista Pássaro Preto era um dos integrantes (alunos)

Eles praticavam a capoeira no ambiente em que podiam, como, por exemplo, em quadras de futsal, praças e quintais. Alguns desses ambientes não possuíam uma infraestrutura básica, como, por exemplo, acesso ao banheiro. A Edimara Sousa, em uma de suas entrevistas com o professor Sargento, vai elucidar essas situações:

“Nós praticávamos a capoeira em Oeiras onde nós pudéssemos encontrar um lugar, na frente de igrejas, nas quadras, nos campos de futebol, não tinha um lugar adequado, não era um local salubre como é hoje que você tem banheiro, que você tem cobertura, era aonde nós se reuníssemos, era no meio de dez a doze colegas que se juntava e tentava fazer o suposto jogo.” (SOUSA, 2021)

A capoeira, nos anos de 1980 até 1990, no Município de Oeiras, sofria para existir na sociedade, pois, no período, não existiam projetos sociais do governo municipal para ajudar no seu crescimento. Muitos tinham que comprar as vestimentas, cordas e as camisetas, mesmo sem possuir muitas condições. Faz-se necessário enfatizar que o jogo de capoeira, para se legitimar e adquirir o seu espaço, precisou lutar contra uma sociedade com preconceito de cunho religioso, pelo fato de a capoeira ter uma ligação cultural com a África.

Observa-se que existia um esforço para descaracterizar e cunhar termos pejorativos, atribuindo à capoeira a imagem de algo ruim. Urge enfatizar que tal atitude não é algo exclusivo da cidade de Oeiras, pois, em determinado momento, já foi considerada até mesmo crime praticar esse jogo em qualquer espaço. Os praticantes eram mal vistos. Em uma das entrevistas que Sousa (2021) realizou, é possível perceber um pouco da realidade dos capoeiristas no período em estudo, o que pode ser observado na fala do professor Marquito.<sup>10</sup>

“Como falei para você, hoje a capoeira está dentro dos cinemas, na tv, na novela, no filme. Hoje a capoeira é como esporte, cultura. Mas na época quando iniciei a capoeira, ela era vista com muito preconceito mesmo. Só fazia capoeira quem não tinha o que fazer, a capoeira era mais apontada para quem era negro, preto, pessoas humildes, pobre mesmo, que não tinha outra ocupação. Lembro que na época quando eu vestia o meu uniforme para ir para academia, eu era apontado na rua: “para onde vai aquele macumbeiro todo de branco?”. (SOUSA 2021)

---

<sup>10</sup> Manoel Rodrigues Ferreira, conhecido na capoeira como (Marquito), tem 47 anos, mora em Oeiras Piauí, mora no bairro Jureminha, trabalha com a capoeira desde anos de 1999. Começou a dar aula, e no início dos anos 2003 teve que se ausentar por motivos de saúde, em que foi notificado de um vírus, que deixou sequela na lombar e o deixou paraplégico.

Ao fazer uma retrospectiva no sentido problematizador da fala de Marquito (2024), revela-se o quanto a capoeira na cidade de Oeiras era mal interpretada, com comentários discriminatórios de cunho religioso, associando a capoeira ao Candomblé ou a religiões de matrizes africanas de forma pejorativa. E isso não faz muito tempo. No âmbito religioso, muitos diálogos ainda são necessários para se pensar as conexões culturais, respeitando a cultura afrodescendente, e para que não vejam essa diversidade como algo ruim para a sociedade.

Por outro lado, os praticantes da capoeira e as pessoas praticantes das religiões de matrizes africanas se sentem excluídos ou segregados ao ouvirem expressões como a citada pelo entrevistado Marquito (2024). Diante do confronto que ainda impera entre a cultura cristã e os praticantes da cultura afrodescendente, resta uma reflexão: a cidade já citada respeita, de fato, o direito das pessoas de ir e vir, de expressar seus pensamentos e sua cultura? Ou ainda usa máscaras e facetas diferentes para perpetuar o antigo preconceito vivido há muitos séculos? Esses “senhores” pretendem o quê mesmo com tais atitudes? Os capoeiristas só desejam uma coisa: que respeitem as práticas e ajam de modo equitativo, uma vez que vivemos em um país laico e de liberdade cultural e religiosa.

Hoje, a sociedade de Oeiras já aceita e convive melhor com os capoeiristas, que têm a sua identidade ligada à cultura afro-brasileira. Também houve toda uma construção, como se percebe na fala de Marquito (2024), quando ele relata sobre o perfil dos praticantes de capoeira, que eram: “pessoas negras, humildes em situação de pobreza”. Então, é perceptível que a sociedade de Oeiras, no século XX, não era receptiva aos capoeiristas, porque não se observava o valor social que ela desempenhava na sociedade, no âmbito cultural e identitário, que percebemos estar intimamente ligado à cultura afrodescendente devido à sua gênese. Ficou evidente nesta entrevista o caráter racista e de perseguição religiosa em relação aos capoeiristas. Apoiado no autor que segue, é preciso dizer que isso não é algo que aconteceu somente em Oeiras. Campos e Rubert (2014) relatam que:

“O caráter racista das perseguições às religiões de matriz africana é evidente se considerarmos que no código penal de 1890(vigente até 1942), previa-se também a punição: ao crime de capoeiragem (art.402); ao crime de vadiagem (art.399); curandeirismo (art.158); ao crime de espiritismo (art.157)” (CAMPOS e RUBERT, 2014, p.297).

O que existia, de certa maneira, era uma “proteção” e respaldo da lei para praticar atos preconceituosos; porém, nos dias de hoje, temos:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença. (BRASIL, 1988, Art. 5º, IX).

Nota-se que a lei mudou, mas os atos das pessoas acompanharam a legislação? A resposta dos entrevistados responde às indagações de que, na sua totalidade, em nível nacional e até municipal, há mais tolerância sobre a capoeira e a sua prática. Antes, era algo condenatório, e agora já é mais aceitável; até pessoas que são da elite e não negras são praticantes. No entanto, por parte do governo, os incentivos ainda são tímidos e evoluem a pequenos e lentos passos. Apesar de ser tudo que essas pessoas desejam, pode-se dizer que foi obtido algum avanço, graças à persistência desses aguerridos e notáveis mestres que, ao longo de décadas, se empenharam para vivenciar as suas crenças, apesar das censuras iniciais e da falta de incentivos públicos.

As fontes orais já mencionadas nesta pesquisa relatam que observaram a resistência no aspecto religioso e conservador da cidade de Oeiras no século XX. Nos dias atuais, a sociedade de Oeiras já respeita a visão dos capoeiristas, insere o tema nas rodas de conversa sem demonstração de preconceito, e já existe mais aceitação e incentivo à prática, pois não era comum ver católicos e evangélicos jogando capoeira. No entanto, essa visão não é mais tão recorrente como outrora, no século XX, neste município.

A Souza (2021) aborda que, com a fundação do grupo Zumbi, surgiram em Oeiras mais dois grupos. Inicialmente, um desses grupos foi administrado pelo professor Sargento em 1989, que, em seguida, precisou se ausentar da cidade. Este viajou para Teresina, onde conheceu o Mestre Tucano<sup>11</sup> e deu início a um treinamento com um professor qualificado, que, por sua vez, irá regressar para sua cidade com a

---

<sup>11</sup> José Gualberto da Silva Neto, conhecido na capoeira como Mestre Tucano tem 59 anos, de Teresina Piauí, ministra aulas para crianças, jovens e adultos, pertencente a associação cultural de capoeira Raízes do Brasil começou a praticar a capoeira em 1978, começando a ensinar a capoeira em 1984. Raízes do Brasil foi fundada em Brasília, a capital do Brasil, em 1980, em 1988 se filiou como uma capoeirarte, grupo liderado por Mestre Camisa.

logomarca Abadá Capoeira. Portanto, começou a dar aulas na Oeiras até 1998. Em seguida, em 1999, ocorreu a transição do grupo Abadá Capoeira para Raízes do Brasil.

Em 2002, em Oeiras, outro grupo adentrou na cidade sob o comando do professor Pardal, do grupo Abadá. A SOUSA percebeu, por meio de suas fontes, que ocorreram desentendimentos entre os grupos Raízes do Brasil e Abadá, pois, com a criação do grupo Abadá em 2002, o Raízes do Brasil perdeu dois integrantes. Por esses motivos, existiram vários atritos e rivalidades entre eles quando se encontravam em rodas de capoeira.

Esses grupos empenharam-se em conquistar legitimidade dentro do contexto urbano e rural da cidade, procurando destaque no cenário da capoeira. Entretanto, em 2003, o grupo Abadá saiu de Oeiras. Atualmente, em Oeiras, existem três grupos de capoeira: a Capoeira Aldeia, a Capoeira Aliança e o grupo Raízes do Brasil, que, atualmente, está firmado em Oeiras como um dos maiores da região oeirense, tendo formado vários alunos em professores e mestres.

### **3. A IDENTIDADE DO GRUPO RAÍZES DO BRASIL**

A capoeira no Brasil vivenciou diversos processos e etapas. Assim, também no município de Oeiras, vem vivenciando essas etapas para ter mais reconhecimento e se adaptar. No entanto, a sua luta não era só para se legitimar em Oeiras, devido ao preconceito e à intolerância religiosa estarem enraizados; mas esse nível de intolerância não era, a princípio, algo da sociedade de Oeiras, conforme foi mencionado antes.

Para compreender todo esse percurso e valorizar tudo o que se conquistou até agora, é necessário considerar que uma marca de construções pejorativas faz com que a capoeira fosse mal vista para adentrar na sociedade. No ano de 2008, foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, em 2014, tornou-se patrimônio cultural da humanidade. No Brasil, a capoeira é nomeada patrimônio cultural material e imaterial, pelo qual se faz importante valorizar a riqueza cultural da capoeira, pelo fato de ser uma dança, arte e luta que se tornou um dos principais expoentes da cultura afro-brasileira. Para conduzir esta etapa da pesquisa

desse terceiro tópico, fez-se necessário utilizar o referencial metodológico da autora Alberti (2005), no qual direciona como se deve conduzir a história oral:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativo, por uma preocupação com amostragens, e sim apartir da posição do entrevistado no grupo, do significado da sua experiência. Assim convém selecionar que participaram e vivenciaram ligadas a natureza específica que condiciona as perguntas que o pesquisador pode fazer. (ALBERTI, 2005, p.31).

Pode-se compreender que a escolha dos entrevistados deve dialogar com as perguntas do pesquisador. Nessa pesquisa, buscou-se dialogar com esses critérios. Essa etapa do artigo foi bem criteriosa para o avanço da pesquisa. Os entrevistados vivem a identidade afro-brasileira através da capoeira, como dialogaremos a seguir.

É notório o quanto a capoeira evoluiu com o passar dos anos, pelo modo como ela já foi vista no passado em comparação com os dias atuais. Em 2024, os capoeiristas foram destaque no cenário cultural, onde a cidade de Oeiras começa a chamar a atenção dos órgãos culturais da sociedade. Foi, de fato, crucial para o desenvolvimento de jovens, crianças e adultos. Isso pode ser visto na narrativa do professor Gilmar Mendes (2024), conhecido como Magro de Aço, que vai falar sobre esse marco:

"Antes de conhecer a capoeira não tinha muita perspectiva de vida não era muito disciplinado, mas depois que conheci a capoeira mudei meu modo de ver as coisas, pois nela foi que eu me encontrei; isso não foi só comigo a maioria dos meus alunos tiveram suas vidas transformadas pelo jogo da capoeira, pois para ser praticante da capoeira da disciplina a gente vai receber elogios dos Pais falando da mudança de comportamento dos filhos depois que entraram na capoeira". (GILMAR MENDES, 2024)

Notamos, no relato do Professor Magro de Aço (Gilmar Mendes), que a capoeira tornou-se importante e influenciava sua vida e a de seus alunos, devido a esse agente transformador, trazendo mudanças significativas para os alunos que praticam a capoeira. A mudança na conduta de vida dos praticantes foi algo bem destacado por Gilmar; mas a capoeira também desempenha outras funções na vida de seus adeptos, como enfatiza muito bem o Regivaldo<sup>12</sup>, um dos entrevistados da Sousa:

---

<sup>12</sup> Regivaldo Alves tem 37 anos, mora em Colônia do Piauí, começou a capoeira nos anos 2000 em Oeiras, com o grupo Raízes do Brasil tendo como mestre o Professor Marquito, no Bairro Jureminha. Permaneceu na capoeira de Oeiras até os anos de 2002.



Primeiramente a disciplina, a capoeira trabalhar muito a disciplina em qualquer idade. Segundo a socialização, como já falei a capoeira faz com que você saia do anonimato, e passa a ter amigos, a ter pessoas pra conversar, pra sair, e se divertir, e tudo mais. E no aspecto financeiro, que tem muita gente hoje que ganhar dinheiro com a capoeira, tem projetos sociais, e isso possibilitou mudança na sua vida através da capoeira. (SOUSA,2021)

E é importante salientar que a construção da identidade afro-brasileira se dá, em grande parte, por meio da memória. Como afirma Candau, a memória desempenha um papel fundamental na construção da identidade afro-brasileira, pois permite que as comunidades afro-brasileiras reivindiquem suas raízes, suas tradições e sua história. Candau irá discutir uma ideia que se entrelaça com a história dos entrevistados, explorando o conceito de memória e sua relação, que terá ligação com a construção da capoeira em Oeiras. Nesse contexto, a memória é compreendida como um elemento fundamental para a construção da identidade e da cultura afro-brasileira, especialmente no que diz respeito à capoeira:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente. Se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao afinal resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2019, p. 16).

A capoeira, como a entendemos hoje em Oeiras, é fruto da influência da memória, que modula e altera a vida de seus praticantes. Essa influência vai além, moldando a dinâmica da capoeira na cidade, que se transforma através das experiências dos capoeiristas. É nesse cenário que a história oral possibilita a construção desta pesquisa, revelando a complexidade e a riqueza da capoeira em Oeiras.

Entendemos que a capoeira é um agente determinante para aqueles que se sentem excluídos e não se encaixam na sociedade. Ela abraça esses sujeitos, segregados de seus espaços sociais, e oferece uma voz àqueles que não a possuíam. Além disso, essa modalidade de jogo traz mudanças significativas no aspecto financeiro, possibilitando uma renda em eventos culturais. O entrevistado Regivaldo, por exemplo, se mantém inicialmente através da renda gerada pela capoeira.

Percebemos, assim, o quão importante essa prática é para seus praticantes, pois um dos membros do grupo Raízes do Brasil, sobre o qual este artigo se debruça, é o Professor Magro de Aço, um dos principais capoeiristas que trabalhamos. Devido

à construção de sua identidade estar ligada à cultura afro-brasileira, assim como os demais capoeiristas, como Bolacha e muitos outros, que, através da capoeira, conquistaram seu espaço social e o reconhecimento da sociedade, destaca-se a importância da capoeira como uma expressão cultural e política que se relaciona intimamente com a cultura.

A partir da perspectiva de Hall (1987), que afirma que "a identidade se torna uma celebração móvel", podemos entender que a construção da identidade é um processo dinâmico e contínuo que se desdobra em diferentes momentos históricos. A capoeira, como prática cultural, está em constante adaptação ao contexto social e histórico em que se insere. Desde sua origem, a capoeira foi vista como uma forma de resistência e luta pela identidade e ancestralidade dos negros.

Ao longo do tempo, a capoeira passou por diferentes transformações, desde sua concepção como arte marcial até sua atual configuração como prática cultural e desportiva. No entanto, sua essência como expressão de resistência e luta pela identidade permanece inalterada. Nesse sentido, a capoeira se configura como um espaço de construção da identidade dos capoeiristas em Oeiras, permitindo que eles se apropriem de sua história e cultura e se insiram no contexto afro-brasileiro. Sobre o processo de nascimento de novas identidades, Hall (2005) afirma que:

“ A identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, está em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentado o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A “a crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos ancoragem estável no mundo social.” (HALL, 2005, p.07)

A identidade dos capoeiristas sempre estará sobre esse viés de transformação. Percebemos que, para o contexto no qual a capoeira está inserida, ela sofreu alterações; porém, um fator que irá permanecer é a questão da identidade dos capoeiristas, que está ligada à cultura afro-brasileira. O professor Magro de Aço enfatiza que conhece bem essa ligação e os elementos que fazem parte da construção dessa identidade, além da declaração do seu ligamento com esta, quando diz:

“ A capoeira tem muita cultura e dentro dela a gente tem cultura trazidas pelos povos africanos como um moringue, bússula etc. Alguma dessas várias

danças também vão estar complementando a capoeira dentro das várias danças culturais como puxado de rede e também uma maculelê. A dança é uma expressão cultural do que é o Brasil, pois é uma mistura da cultura dos negros, indígenas e mesmo dos povos europeus são várias expressões culturais dentro da capoeira essa descendência africana está dentro de cada capoeirista a capoeira é brasileira, mas podemos dizer que ela vai ter esse tempero da cultura afro que vai deixar ela melhor e o que torna ela tão apaixonante. Moisés eu tenho é 25 anos de história dentro da capoeira passei por muita coisa, mas não tem como negar a minha identidade está ligada a cultura afro brasileira, eu tento repassar com meus alunos que o capoeirista não tem como fugir dessa identidade, pois ligados com ela. "(GILMAR MENDES, 2024)

É importante observar o quanto Gilmar Mendes está envolvido com a capoeira, na afirmação dele, onde declara o quanto essa ligação é forte. Esse elo com a identidade afro-brasileira é complexo e multifacetado, porque ele vai trabalhar, em sua fala, a fusão desses empréstimos culturais que a capoeira trouxe para essa ponte da multiculturalidade, como essencial para o funcionamento da capoeira como ela é hoje. Ele se orgulha de sua ligação com essa identidade afro-brasileira, e vemos que, para ele, não existe a possibilidade do capoeirista se desvincular da identidade afro-brasileira, pois ela faz parte do "DNA" de cada capoeirista.

Ao observar mais detalhadamente, percebemos o quanto a capoeira se faz necessária. Na fala do Magro de Aço, o grupo Raízes do Brasil é um polo cultural, e o seu valor simbólico para a comunidade afro-brasileira é inestimável. Ao preservar a expressão cultural afro-brasileira, através da música, da dança e da ritualística, compreendemos que a África vive no coração de cada capoeirista e que essa herança se torna uma expressão cultural de forma genuína, que se debruçará na identidade afro-brasileira.

Acho a prática da capoeira muito importante e interessante porque a capoeira é algo que faz parte da minha cultura me vejo com mulher afro-brasileira dentro do grupo. Essa é a minha identidade em que me identifico é tão emocionante que eu não consigo nem explicar, penso que a cultura afro-brasileira tem um valor na minha vida no sentido que por meio da capoeira empoderar enquanto mulher pois a capoeira me deu voz então essa identificação é natural e também é muito importante para mim ser um membro ativo porque desde 1980 quando iniciamos os trabalhos tinha aqui em Oeiras não tinha mulheres na capoeira é uma prática voltada a mais aos homens e com essa abertura pois a capoeira é um ambiente livre é muito importante para mim um dia quero virar mestre de capoeira para repassar um pouco dessa Cultura afro-brasileira para as futuras gerações eu me considero a acho mais importante a capoeira teve um papel muito importante na minha vida na minha identidade o grupo Raízes do Brasil me ajudou a compreender um pouco da minha identidade do meu papel como mulher nessa cultura tão rica. (YORRANY, 2024)

A entrevistada relata a luta para a mulher ser inserida na modalidade, quando afirma que, no início, os grupos existentes em Oeiras não tinham mulheres em sua composição. Posteriormente, melhorou, e ela, assim como outras, tornaram-se alunas da modalidade, apesar de ainda ser um número pequeno. Compreendemos que a sua formação como indivíduo na sociedade está interligada com a capoeira, pois percebemos que, de certa maneira, ela abriu portas na vida da entrevistada, e a sua afirmação e percepção da sua identidade se formaram através da ligação com o grupo Raízes do Brasil, que não foi um processo fácil. Através dessa ligação, construiu bases sólidas para sua formação.

A capoeira trouxe consigo uma percepção de vida, que é justamente o empoderamento da entrevistada enquanto mulher negra dentro da capoeira, e, na sua fala, demonstra o quão importante se tornou esse fato. Percebemos como a capoeira tem sido agente transformador na vida dos entrevistados, passando a ter lugar e voz, que antes lhes eram negados, pois eram indivíduos periféricos. O grupo Raízes do Brasil faz todo um trabalho social para resgatar esses indivíduos e suas identidades. Esse elo foi o que fez a capoeira ser tão presente na trajetória da entrevistada.

A capoeira significa uma Filosofia de vida porque algo que me completa o esporte eu comecei a treinar desde os 15 anos de idade eu vou fazer 24 anos nessa área a cultura afro-brasileira é muito rica em toda a sociedade brasileira devia se conhecer um pouco mais pois faz parte da formação de todo o Brasil nós aqui do grupo Raízes do Brasil Então vou mostrar um pouco dessa identidade dessa formação cultural que é importante na vida de todo o capoeirista e aqui temos esse cuidado e não adianta eu sou um capoeirista afro-brasileira não tem como fugir disso somos frutos de uma miscigenação de três raças o branco, o negro e o indígena eu me sinto negro sinto não eu sou negro então com a voz ativa aqui no grupo Raízes do Brasil a identidade afro-brasileira fez parte da minha na capoeira a história geral dessa Cultura vai estar presente na nossa Musicalidade, cantigas mas quase contamos um pouco da nossa história enquanto afrodescendentes fazemos essa reverência a os antepassados. (BOLACHA,2024)

Na fala do professor Bolacha (2024), percebemos pontos de vista semelhantes aos de outros entrevistados sobre a capoeira ser um estilo de vida, algo que complementa a vida, que dá sentido e que se torna uma família. O acolhimento nesse ambiente familiar, que é o grupo Raízes do Brasil, está relacionado com a identidade, pois cria elementos únicos na formação desse grupo. Em Oeiras, a capoeira atua como agente conciliador na vida desses entrevistados, pelo fato de ser uma atividade física que causa bem-estar, e nesse meio faz-se a relação de sua identidade afro-brasileira com seus antepassados.

#### **4. CONCLUSÃO**

Ao abordar a temática da identidade brasileira por meio de integrantes do grupo Raízes do Brasil, em Oeiras-PI (1980-2024), torna-se essencial compreender a história da capoeira e sua relação com a construção identitária. Este artigo evidenciou como os capoeiristas valorizam essa questão, ressaltando a importância de preservar e reafirmar suas raízes afro-brasileiras. A trajetória da capoeira em Oeiras é marcada por desafios, especialmente pelo confronto com pensamentos racistas, preconceituosos e estereótipos religiosos.

Essas barreiras iniciais contribuíram para um desenvolvimento mais lento da prática da modalidade na cidade de Oeiras; porém, foram combustíveis para os capoeiristas reafirmarem suas identidades culturais e lutarem por espaços de expressão de sua afrodescendência. As entrevistas realizadas com integrantes do grupo Raízes do Brasil demonstraram que, além da prática física, os alunos são ensinados a valorizar sua identidade afrodescendente por meio da musicalidade e das cantigas da capoeira.

Esses elementos transmitem histórias, valores e a importância da identidade afro-brasileira, evidenciando o papel educativo e cultural desempenhado pelo grupo. Assim, o artigo respondeu à problemática inicial, comprovando a relação intrínseca entre a capoeira e a identidade afro-brasileira. O uso da história oral como metodologia permitiu explorar a narrativa dos entrevistados, viabilizando a investigação do elo entre a identidade dos capoeiristas do grupo e suas raízes afro-brasileiras.

O artigo, portanto, contribui para a pesquisa sobre capoeira e amplia a diversidade do acervo acadêmico da UESPI em Oeiras. Por fim, ao longo das entrevistas, emergiram questões que podem ser exploradas em estudos futuros, como a ausência de mulheres professoras de capoeira na cidade. Esse fato aponta para novas problematizações no campo da história do tempo presente, enriquecendo ainda mais o debate historiográfico sobre a capoeira em Oeiras, Piauí.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BURKE. Peter, 1937. *O que é história cultural?* .tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. RIOUX.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. In: O jogo social da memória da identidade (1):transmitir, receber, 1º ed., São Paulo: contexto, 2019.

FONTOURA, Adriana Raquel Ritter; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo. *História da capoeira*. Revista Brasileira de Educação Física, v. 23, n. 1, p. 95-108, 2002.

HALL, Stuart . *A identidade cultural na pós-modernidade*. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopee Latro-11. el.-Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

JEAN-PIERRE; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

MELLO, André da Silva. *Esse nego é o diabo, ele é capoeiro ou da motricidade brasileira*. RevistaDiscorpo, São Paulo, n. 6, p. 29-39, 1996.

CELSO,Brito e DANIEL. Granda. *Cultura, política e sociedade: estudos sobre a Capoeira na contemporaneidade*. EDUFPI , Teresina, 2020.

SOUSA, Edimara. *A construção da identidade dos capoeiristas na cidade de Oeiras-PI (1980-2021)*. TCC do curso de história da UESPI/Oeiras, 2021.

ARRAES, Esdras Araújo. maio/agosto, 2016,Imaginando a paisagem urbana de Oeiras do Piauí (1697-1762).Vol 41, N 02.

## 6. FONTES

Entrevistas:

ANTÔNIO LUIZ. **Entrevista concedida Moisés Élyson de Lima Ribeiro. Presencial**, em 15 de janeiro de 2024 duração 17 minutos e 25 segundos .

CLÁUDIO RIBEIRO DOS SANTOS. **Entrevista concedida Moisés Élyson de Lima Ribeiro**. Presencial, em 08 de janeiro de 2024 duração 11 minutos e 46 segundos.

GILMAR MENDES. **Entrevista concedida Moisés Élyson de Lima Ribeiro**. Presencial, em 08 de janeiro de 2024 duração 30 minutos e 46 segundos.

YORRANY FERNANDA.**Entrevista concedida Moisés Élyson de Lima Ribeiro.** Presencial, em 06 de dezembro de 2024 duração 17 minutos e 25 segundos.